

PÁGINA 12 □ O ESTADO DE S. PAULO

O ESTADO DE S. PAULO
CADERNO 2

SEXTA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 1989

POETA/Perfil

A lírica concisa que vem do Pantanal

Aos 72 anos, o mato-grossense Manoel de Barros rompe com seu ostracismo voluntário para lançar-se como a voz poética mais promissora deste ano

João Borges

CAMPO GRANDE — Manoel de Barros acordou às quatro horas da manhã. Meia hora depois, abriu a porta de seu escritório com uma reflexão que se repete na mesma frequência com que o sol nasce: "Agora vou ser inútil". E gasta as horas. Pode ficar apenas olhando para a parede. Lendo algum livro. Mas, nesse "lugar de ser inútil", como chama seu escritório, ele acumula dezenas de cadernos de anotações. São frases recolhidas de bêbados, de crianças e observações sobre a quase inerte existência de coisas como pedra, lesma, parede. Submetidas depois a uma transmutação radical, as anotações saltam do ordinário para uma poesia de uma rara carga lírica.

Aos 72 anos, com oito livros publicados e o nono a sair nas próximas semanas pela Art Editora, de São Paulo, Manoel de Barros é um desconhecido. Um desconhecido que radicalizou a liberdade lingüística inaugurada por Oswald de Andrade. Mas, num aparente paradoxo, submete sua matéria poética a um rigor de linguagem só comparável ao de João Cabral de Melo Neto.

Se bem que o verbo comparar é de arriscada aplicação, quando se trata de Manoel de Barros. Quando João Cabral de Melo Neto surgiu com *Pedra do Sono*, em 1940, Barros já havia publicado *Poemas Concebidos Sem Pecado*, três anos antes. Nesse livro já estavam presentes os traços de uma estética concisa. Lírica, mas sem transbordamentos.

Se João Cabral é o poeta de uma linguagem mineral, a de Manoel de Barros é essencialmente orgânica. Em seus poemas é possível "ouvir" o respirar das palavras, sentir a condição precária de seus significados. Frequentemente o sentido de que poderia desagregar-se, mineralizar-se, não fosse o poeta a fornecer-lhes o oxigênio da linguagem. "Attingir o íntimo das coisas", como diz o próprio Manoel de Barros.

O desconhecimento de sua obra não pode ser atribuído apenas ao rarefeito ambiente cultural brasileiro, à desinformação do meio acadêmico e da intelectualidade, ou coisas do gênero. É, também, o resultado de um temperamento tímido, que sempre preferiu o recolhimento à badalada. "Eu publicava os livros e sumia para o Pantanal e me sentia desolado porque não acontecia nada", confessa Manoel. Cada livro publicado que não "acontecera" causava ira ao poeta, mas tinha como consequência prática mais poemas e mais livros.

"O poeta escreve para ser amado através de sua poesia; as pessoas amam a sua poesia e não você. E eu estou precisando disso agora", admite Manoel de Barros, numa conversa informal em sua casa, em Campo Grande, ao concordar que 1989 certamente será o ano caracterizado como o "sair da toca", o expor-se ao público. Se não venceu a timidez, pelo menos está disposto a ter um convívio menos conflituoso com ela.

O filme *O Invisível Anonimato do Caraculho Frio*, de Joel Pizzini, sobre Manoel de Barros, ganhou o prêmio de melhor curta no Festival de Brasília. A revista *El Paseante*, de Madrid, traz em sua última edição, toda dedicada ao Brasil, uma entrevista e vários poemas dele. Para abril, além de *O Guardador de Águas*, sairá a revista *Bric-a-brac*, de Brasília, com uma entrevista de 20 páginas feita por carta com o poeta, no período entre os meses de agosto de 1988 e janeiro deste ano.

"Estão me elogiando muito. Fico até com medo disso", diz num tom irônico. Mas a disposição para "abrir-se" tem limites. Barros nem sequer admite comparecer a um lançamento. "Isso me violentaria muito, me causaria um sofrimento enorme", justifica.

Essa timidez, esse "encaramujar-se", como diz a seu respeito Antônio Houaiss, dificulta seu contato com o chamado público, sua como uma força fundamental em sua criação. Em *Matéria de Poesia*, de 1974, Barros define: "Esconder por trás das palavras para mostrar-se". E em *Matéria de Poesia*, que tem em *Matéria de Poesia*, *Arranjos para Assobio*, *Livro das Três-Cóias* e *Compêndio Para Uso dos Passaros* a afirmação máxima de sua estética, não faz outra coisa a não ser ficar atrás das barreiras. Ele se expõe, se suja, através de suas coisas. Ou "Pré-Cóias".

Mas esse "arfar" não deixa o poeta de mãos limpas. Pelo contrário, Manoel de Barros quer "ser as coisas" para expressar-se através delas. Parede, água, lesma, musgo, caraculho, cisco são palavras que se esferizam, que se atiram, soltam faíscas nos poemas de Manoel de Barros num jogo erótico explícito. "Sou mais a palavra ao ponto de entulho. / Ao montar algumas no cabo de vidro, envergais lisos pro chão corrompê-las até que padeçam de mim e me sejam de branco" (de *Arranjos para Assobio*).

Para Manoel de Barros, o poema "é antes de tudo um inexistente", só justificável pelo "encantamento" que possa causar, pelo exercício lúdico. "A verdade que se dá, não existe verdade no poema", diz ele, durante uma caminhada pelas ruas de Campo Grande. Mas essa "inutilidade" é esse "encantamento". Em um prego. "Ninguém é pai de um poema sem morrer", diz um dos versos do *Arranjos para Assobio*.

Barros fala com o mesmo interesse sobre coi-



O poeta em seu escritório, ou o "lugar de ser inútil", de onde lapida matéria bruta até transformá-la em poesia

sas do Pantanal, "um mundo ainda em formação", como disse Levi-Strauss, como sobre os escritores que admira. "Não gosto de poesia engalada. Ou o cara faz poesia ou vai pro sindicato", diz. Seu terceiro livro, *A Face Inóvel*, de 1942, está carregado de conotação causada pela Segunda Grande Guerra. "A ocupação de Paris pelos alemães foi um choque. Mas aquele é o meu pior livro", afirma.

Suas leituras prediletas: Machado de Assis, Guimarães Rosa, a Bíblia e filologia, para "acompanhar a viagem das palavras". Sobre Rosa, de quem foi uma espécie de guia pantaneiro, quando o autor de *Grande Sertão* visitou o Mato Grosso, em 1946, Barros passa horas conversando. Conta, já animado por vários copos de chope num restaurante de Campo Grande, que certa vez se propôs a fazer um ensaio lingüístico sobre *Corpo de Baile*. Logo no início percebeu que precisava aprofundar seus conhecimentos de latim, obtidos em dez anos de internato no Rio de Janeiro, quando ainda adolescente. Depois sentiu necessidade de aprender o grego para executar bem a sua tarefa. Então, desistiu. "Tinha uma preguiça vegetal. Se tiver de trabalhar eu ludo", diz, com brilho intenso nos seus olhos mídos. Pergunta que não se ajusta ao perfil de quem está há 50 anos, ininterruptamente, construindo "inutilidades". Inutilidades vitais para que o amor o alcance através delas.

Sobre o autor

● "Poesia única inaugural epegi do chão". *Millôr Fernandes*

● "Poesia sem par no cenário poético nosso e diria mesmo universal". *Antônio Houaiss*

● "Bastará à la uma vez para que os leitores se disponham a acompanhá-lo sempre". *Enio Silveira*

● "Manoel de Barros é o maior poeta vivo do Brasil". *Carlos Drummond de Andrade*

● "Mistura monumental de construtor subversivo, bandulaço e São Francisco de Assis". *João Antônio*

Cotidiano

As infinitas metades de um "tímido" fazedor de frases

"Arreio", "encaramujado", "tímido", "inacessível" compõem a família de adjetivos que mais se usam em relação a Manoel de Barros. Há razões de sobra para isso. Mas revela apenas a metade ou uma das metades infinitas — do temperamento do poeta. Vendo a barreira da timidez e estabelecida a complexidade da afecção, emerge uma pessoa de fino humor, com tiradas espirituosas, falante, irreverente, um grande fazedor de frases.

Em Campo Grande, ele caminha pelas ruas como um andorinho coidado. "Dizem que eu sou difícil e até têm medo de mim. Mas isso é bom, porque me protege", observa ele, numa confissão de que caminhar sozinho pelas ruas, sem ser incomodado, é uma necessidade quase onírica. Certa vez, sua filha Martha indagou se era verdade que ele conversava sozinho. "Não, você é que não enxerga os interlocutores", respondeu.

Nasceu em Cuiabá, em 1917, mas com um ano se mudou para Corumbá, Mato Grosso do Sul. O pai, João Wenceslau Leite de Barros, um capitão de fazenda que se tornou proprietário, foi o grande aliado das suas loucuras, "apostando num sonho que ninguém sabia no que ia dar". A rebeldia e a falta do que chamam de sentido prático sempre despertaram a ira de conservadores. "Até viam meu pai me defendendo assim: 'O Neco tá certo, deixem ele em paz'".

No modesto restaurante Casa de Petex, Manoel de Barros, enquanto saboreia um caldo de piranha e uma batida de limão, ao ouvir a palavra UDR não vêeta que o interlocutor termine: "Eu tenho um horror biológico a isso". Mas o humor explode ao comentário de que, segundo a cultura do Pantanal, caldo de piranha

é afrodisíaco: "A única coisa afrodisíaca do mundo é mulher".

Queixa-se da invasão dos courteiros bolivianos, que na semana passada mataram 400 jacarés na sua fazenda. "Mas a predação não se limita a isso", indigna-se ele, chamando de "dos gringos" e do desmatamento de áreas que deveriam ser preservadas. Conta a história do barão de Vila Maria, que ganhou esse título porque saiu a cavalo de Cuiabá para o Rio de Janeiro antes e d. Pedro II que os paraguaios estavam invadindo o Brasil. "Acho que tinham uma vaga e resolveram precher", lembra.

Toda pessoa tímida diz "tem de superar o problema na casa dos 20 anos". No seu caso, por um mistério qualquer, não conseguiu. Bem que não faltaram tentativas. Durante a Segunda Guerra, por exemplo, foi convidado por Vinícius de Moraes e João Cabral de Melo Neto para traduzir e recitar um poema de Louis Aragon, num programa de rádio organizado por uma francesa, no Rio, sobre a ocupação de Paris pelos alemães. A tradução foi muito elogiada. Preparou-se horas para ler o poema no microfone, mas quando chegou no estúdio desmaiou e foi parar no hospital.

Manoel de Barros divide seu tempo entre Campo Grande e a fazenda, a cerca de 300 quilômetros da capital. Mas todos os anos passa dois meses no Rio de Janeiro e gosta de uma temporada no Nordeste. É um apaixonado por Nova York, onde morou por mais de um ano na década dos 40, e já fez inúmeras viagens à Europa. Decorra a sala de sua casa com reproduções de Chaplin, pinturas do artista plástico mato-grossense Humberto Spínola e uma escultura de Fausto Alvim, pai do poeta Francisco Alvim. (J.B.)

SERVIÇO

A Obra

A obra de Manoel de Barros é uma variedade. Não está disponível nas livrarias. O leitor interessado não possui a coleção completa de seus oito livros publicados. Ele possui o exemplar de *Face Inóvel*, de 1942. Para organizar suas obras completas que devem ser publicadas este ano, utilizou 16 poemas deste livro, que recuperou de memória. "Devem ser os últimos que pretendo", diz. Os livros vendidos muito pouco. Os cheques dos editores pelas diversas autorais, Manoel costuma guardar no gaveta. Vários documentos literários e não literários.

Seus livros:

Poemas Concebidos sem Pecado, Clímaco Editora, 1937
Face Inóvel, Século XX, 1942
Poemas Inóveis, Itapicuma, 1950
Compêndio Para Uso dos Passaros, Livraria São José, 1960
Gramática, Expansão do Livro, 1960
Matéria de Poesia, Livraria São José, 1974
Arranjos Para Assobio, Coleção Brasília, 1982
Livro das Três-Cóias, Faltalibros, 1983

A assir: O Guardador de Águas, Art Editora